

Pedro Tochas regressa às origens

O comediante conta no Casino Lisboa a história de um artista de rua. A sua própria história, como revelou em entrevista a Ana Dias Ferreira

Para muitos é o homem da Frize, que deixou de ser uma mera água com gás desde que ele a publicitou. Mas Tochas já anda na vida de comediante há muito mais tempo do que isso. Tudo começou há 15 anos, tinha ele 20, com uns simples malabarismos numa festa de Natal. O curso de Engenharia Química foi para as urtigas, e ele nunca mais parou. Esta semana está no Casino Lisboa, num espectáculo que é uma espécie de regresso às origens.

'Work in Progress' tem alguma ligação com a forma como tu próprio começaste no mundo do espectáculo?

Tem. É baseado nas experiências de um artista de rua, que neste caso são minhas, são pessoais. Nos espectáculos de *stand-up* geralmente conto histórias que me aconteceram como artista de rua, e aqui perguntei-me: Por que não passar ao nível seguinte? Para além de contar histórias, mostrar os truques, a sua evolução. Adoro este espectáculo porque é o meu trabalho mais de fusão, mistura malabarismo com contador de histórias e *stand-up*.

Houve uma altura em que nem sonhavas ser artista. Como é que isso aconteceu?

Estava a estudar Engenharia Química na Universidade de Coimbra e pus-me a organizar uma festa de Natal. Não havia nada para animar a festa e eu lembrei-me de dizer que sabia fazer malabarismos, umas macacadas com três bolas, nada de especial. Nunca tinha feito nada em palco e pediram-me para fazer o que sabia durante um quarto de hora. Lembro-me que fiquei aterrorizado — um quarto de hora? Fui para casa idealizar uns truques — primeiro com uma bola, depois duas, depois três... para engonhar aquilo ao máximo, a ver se me aguentava. Fiz os truques na festa, e gostei da sensação. Nessa altura — há coincidências incríveis — vi um documentário sobre uns artistas de

rua. Tinha 19 anos e achei tão romântico andar pelo mundo de mochila às costas. Parecia-me tão aventureiro... E agora faço isso! **Como é que se fez a passagem do gosto pelos truques para o stand-up comedy?** Primeiro investi na formação, porque sempre achei que só o jeito não chega e que já há demasiada gente que fica pelo potencial e não evolui. Fiz vários *workshops* na área de malabarismo e comédia nos Estados Unidos, e estive em Inglaterra a estudar teatro físico durante um ano. A determinada

altura, decidi que tinha de fazer espectáculos novos de ano e meio em ano e meio. O primeiro que fiz foi teatro físico, o segundo foi *stand-up*, pelo qual acabei por ganhar um gozo especial.

Por isso te apresentas como comediante...

Sim, e *performer*. Mas acima de tudo o que quero é oferecer espectáculos diferentes, não repetir sempre as mesmas piadas. Isso permite-me levar cada espectáculo a vários lugares diferentes. Neste momento tenho cinco em carteira e posso apresentar qualquer um

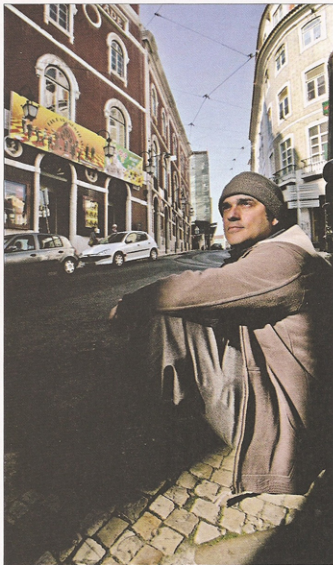
deles. O meu sonho é fazer uma maratona, fazer todos num dia. Começava às três da tarde e ia até às duas da manhã, sem parar. E quem chegasse até ao fim ganhava uma *t-shirt* a dizer "eu aguentei o Tochas durante sete horas". **Que título é este, 'Work in Progress'?**

Este é um espectáculo sobre uma vida, e como ainda não morri... ainda está em progresso (*risos*). **Que histórias contas, o que é que já te aconteceu?**

Já me aconteceu de tudo. Uma vez estava a fazer um espectáculo em Faveiros, e avisaram-me para ter cuidado com um miúdo que era muito chato e que estava sempre a interromper os espectáculos. O que acontece na rua é que temos de controlar muito mais o público do que numa sala, e então mandei logo umas bocas ao miúdo. Acabo de falar, viro-me, e está um homem a entrar pelo espectáculo dentro. O que me passou pela cabeça, e pela de toda a gente, foi que ele era o pai do miúdo e me ia dar porrada. Chega o homem ao pé de mim e diz: "alho, pode avisar que está ali um corvo mal estacionado?". Nunca me tinha acontecido nada assim! As apresentações de rua têm esta imprevisibilidade, são especiais. No mesmo dia apanha-se um escaldo e uma molha. Este trabalho tenta transmitir isso.

No fundo queremos levar o ambiente de rua para cima de um palco?

Sim, mas acima de tudo mostrar e partilhar histórias. Quero, como em todos os espectáculos, que a pessoa saia de lá bem disposta e com vontade de arriscar coisas diferentes. Para quem nunca viu nada meu, este é um bom espectáculo de "iniciação". É *soft*, é um espectáculo que é mais uma partilha: vou-vos contar a minha história, o que é que me faz vibrar. Além disso, vai ser a última vez, nos próximos tempos, que vou fazer uma sessão de perguntas e respostas no final, onde podem perguntar-me o que quiserem, desde que tenha a ver comigo. Não vale a pena perguntarem-me coisas como o que é que eu acho da política fiscal portuguesa, porque não faço ideia. **'Work in Progress' estreia quinta e está até sábado no Casino Lisboa. Sempre às 22h. Bilhetes a 18 e 20€**



Rua Tochas diz que aí que se sente bem, mesmo que pareça um mendigo